



Yuri Gomes e Teca Pereira levam o Brasil na garupa do Oscar depois de encantarem Gramado com 'Feito Pipa'

De Quixadá a Los Angeles

O **comovente longa cearense 'Feito Pipa'**, de Allan Deberton, recebeu a **missão de representar o Brasil no Oscar**. A saga do pequeno Gugu e sua avó nos primeiros sinais de demência **conquistou os votantes da Academia Brasileira de Cinema**, responsável por indicar o **nosso postulante** à corrida por mais uma **estaueta de melhor filme internacional**. Página 3



Divulgação

O filme combina animação 2D, rotosopia, colagem e stop-motion

Reflexões sobre memória e família



Divulgação

Um dos destaques do longo é a voz emblemática de Zezé Motta



Mivido pleo afeto e saudade, primeiro longa de Fernanda Salgado, a animação 'Ana, en Passant' faz suas estreia nas telas do Festival de Brasília

O projeto acompanha Fernanda Salgado há mais de uma década

REYNALDO RODRIGUES

A memória, as relações familiares e os espaços deixados pelas ausências conduziram a narrativa de Ana, en passant, primeiro longa-metragem da diretora Fernanda Salgado, exibido na Competição do 59º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. O filme acompanha Ana, uma jovem mulher negra franco-brasileira que deixou Paris e viajou para Belo Horizonte em busca de informações sobre o passado de sua família.

A história começou após a morte da avó brasileira de Ana, com quem ela vivia em Paris. Antes de morrer, a avó deixou para a neta uma caixa com uma carta, objetos, duas chaves e um endereço em Belo Horizonte. A partir dessas pistas, a personagem decidiu viajar ao Brasil para investigar uma parte de sua própria história que desconhecia.

Na capital mineira, Ana encontrou Alice, que morava no antigo apartamento de sua avó. O encon-

tro levou as duas a percorrer uma espécie de cartografia afetiva da cidade, marcada por lembranças, conexões ancestrais e descobertas sobre identidade e pertencimento. O luto da protagonista também atravessou a narrativa, à medida que ela se aproximou de memórias que até então permaneciam distantes.

Para construir essa trajetória, Fernanda Salgado combinou animação 2D, rotosopia, colagem e

stop-motion. As diferentes técnicas ajudaram a representar as camadas da memória e a criar uma narrativa que transitou entre experiências do presente, lembranças e ausências.

O projeto do longa acompanhou a trajetória profissional da diretora por mais de uma década. Em 2012, o roteiro de Ana, en passant, foi selecionado para o Script Station, programa de desenvolvimen-

to do Berlinale Talent Campus. O filme chegou às telas em 2026, com exibição na competição do Festival de Brasília.

Natural de Belo Horizonte, Fernanda Salgado atua como cineasta, pesquisadora, roteirista, produtora e diretora desde 2005. A diretora também é cofundadora do Apiário Estúdio Criativo e desenvolve pesquisa em cinema de animação. Atualmente, realiza

doutorado na área em Montreal, no Canadá.

O elenco de Ana, en passant reuniu Jéssica Pierina, responsável pela voz da protagonista, além de Zezé Motta, Carlos Francisco, FLIP, Odilon Esteves e Felipe Oladélé. Ao tratar a memória como elemento ligado à construção da identidade, o filme colocou a busca pelas origens familiares no centro da jornada de Ana.



Pipa empinada na direção de Hollywood

Longa dirigido por Allan Deberton foi escolhido pela Academia Brasileira de Cinema para ser o representante oficial do país no sonho de uma vaga na disputa do Oscar

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

É o Oscar de Melhor Filme Internacional de 2027 pode ir para “Feito Pipa”, de Alan Deberton, uma vez que essa produção egressa do Ceará, rodada em Quixadá, foi escolhida como a nossa representante oficial do Brasil na corrida pela estatueta da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, nesta quarta-feira. No exterior, seu título será “Gugu’s World”. Sua carreira começou em fevereiro, na Berlinale, na Alemanha, onde recebeu o Urso de Cristal na mostra Generation.

Previsto para estrear comercialmente só em 5 de novembro, com distribuição da Paris Filmes, esse tocante longa-metragem de orientação queer superou outros cinco finalistas - “100 Dias”, “A Fabulosa Máquina do Tempo”, “A Natureza das Coisas Invisíveis”, “Nosso Segredo” e “Vicentina Pedê Desculpas” - na votação organizada pela Academia Brasileira de Cinema e passa agora a disputar espaço numa corrida que já reúne 60 países. Cada dia, uma nação divulga o filme que vai lhe representar.

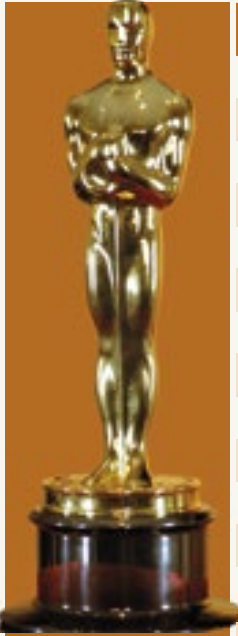
“O Brasil precisa se conectar com ele mesmo”, diz Deberton, ao Correio da Manhã, ostentando em sua estante o Kikito de Melhor Realização conquistado por “Feito Pipa”, em Gramado, de onde saiu ainda com o troféu de Júri Popular.

No roteiro filmado por Derberton (antes conhecido por “Pacarrete”), o audiovisual se encanta com a saga do pequeno Gugu, vivido pelo baiano Yuri Gomes. Na trilha para adolescer, Gugu, moleque bom de bola como poucos, cresceu sem mãe, sob a cumplicidade da avó, Dilma (Teca Pereira, num quindim de atuação), que não tá nem aí para o fato de o guri se identificar com a cultura queer. Ama-o seja lá sob que bandeira ele estiver. Já o pai do guri, Batista (Lázaro Ramos), encasqueta com os modos do filho, quando precisa tomar conta dele, ao notar que a guardiã da criança está com sinais de demência. Com ela, Deberton cria um “Don Quixote” mirim, ciente de que seu Cavaleiro da Alegre Figura sonha com um Nordeste de tolerâncias.

“A razão de flunar pelo imaginário queer aqui era falar menos de rótulo e mais de possibilidade. É sobre permitir que uma criança exista com



Gugu (Yuri Gomes) vive uma relação difícil com seu pai vivido por Lázaro Ramos em ‘Feito Pipa’



CINEMA
BRASILEIRO
TIPO
EXPORTAÇÃO

Nossas histórias
para o mundo ver



Ano do Oscar	Filme escolhido pelo Brasil	Direção
2000	“Orfeu”	Cacá Diegues
2001	“Eu Tu Eles”	Andrucha Waddington
2002	“Abril Despedaçado”	Walter Salles
2003	“Cidade de Deus”	Fernando Meirelles
2004	“Carandiru”	Hector Babenco
2005	“Olga”	Jayme Monjardim
2006	“2 Filhos de Francisco”	Breno Silveira
2007	“Cinema, Aspirinas e Urubus”	Marcelo Gomes
2008	“O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias”	Cao Hamburger
2009	“Última Parada 174”	Bruno Barreto
2010	“Salve Geral”	Sérgio Rezende
2011	“Lula, o Filho do Brasil”	Fábio Barreto
2012	“Tropa de Elite 2: O Inimigo Agora É Outro”	José Padilha
2013	“O Palhaço”	Selton Mello
2014	“O Som ao Redor”	Kleber Mendonça Filho
2015	“Hoje Eu Quero Voltar Sozinho”	Daniel Ribeiro
2016	“Que Horas Ela Volta?”	Anna Muylaert
2017	“Pequeno Segredo”	David Schurmann
2018	“Bingo: O Rei das Manhãs”	Daniel Rezende
2019	“O Grande Circo Místico”	Cacá Diegues
2020	“A Vida Invisível”	Karim Aïnouz
2021	“Babenco – Alguém Tem que Ouvir o Coração e Dizer: Parou”	Bárbara Paz
2022	“Deserto Particular”	Aly Muritiba
2023	“Marte Um”	Gabriel Martins
2024	“Retratos Fantasmagóricos”	Kleber Mendonça Filho
2025	“Ainda Estou Aqui”	Walter Salles — indicado e vencedor
2026	“O Agente Secreto”	Kleber Mendonça Filho — indicado

Filmes que chegaram à cerimônia do Oscar como indicados a Melhor Filme Internacional. Em 2025, “Ainda Estou Aqui” foi o vencedor da categoria.

Crédito: Arte CM

liberdade, sem ser corrigida o tempo inteiro pelo olhar do mundo. O filme não quer explicar o Gugu, mas acompanhar o jeito natural dele, sua imaginação e sensibilidade. O pro-

blema é de quem não o compreende. O que há de mais inclusivo nisso é justamente a recusa em simplificar os estereótipos”, defende Deberton. Agendada para 14 de março de

2027, no Dolby Theatre, em Los Angeles, a 99ª cerimônia do Oscar encontra o Brasil numa posição inédita de prestígio. “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles, deu ao país

sua primeira vitória como Melhor Filme Internacional em 2025 e, no ano seguinte, “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho, chegou à cerimônia com quatro indicações, entre elas a da categoria internacional e a de Melhor Filme. A produção pernambucana acabou superada por “Valor Sentimental”, do norueguês Joachim Trier. Ao todo, o Brasil já enviou oficialmente 55 filmes à Academia desde “A Morte Comanda o Cangaço”, em 1960/61, e seis deles chegaram à relação dos cinco indicados.

A disputa internacional deste ano, porém, tem uma novidade capaz de alterar a geopolítica do Oscar. Além dos representantes escolhidos pelos países, a Academia passou a admitir diretamente filmes vencedores de prêmios qualificatórios em seis festivais: Berlim, Busan, Cannes, Sundance, Toronto e Veneza. Com isso, já estão habilitados, entre outros, o Urso de Ouro “Yellow Letters”, do teuto-turco Ilker Çatak; “Shame and Money”, do kosovar Visar Morina, premiado em Sundance; e a Palma de Ouro “Fjord”, do romeno Cristian Mungiu.

Entre os pretendentes estrangeiros já anunciados, algumas das ameaças mais fortes vêm da Ásia e da Europa. A Coreia do Sul aposta em “Possible Love”, de Lee Chang-dong; o Japão escolheu “All of a Sudden”, de Ryusuke Hamaguchi; a Bélgica vai de “Coward”, de Lukas Dhont; a Áustria escalou “Rose”, de Markus Schleinker; e a Romênia reforçou o peso de “Fjord” ao escolhê-lo também como seu representante oficial. A Irlanda entrou na corrida com “Aontas”, de Damian McCann, enquanto a Austrália anunciou “First Light”, de James J. Robinson, primeiro longa falado em tagalo apresentado pelo país ao Oscar.

A América Latina também começa a montar seu pelotão. O México escolheu “On the Road”, de David Pablos; a República Dominicana, “Melodrama”, de Andrés Farías; a Colômbia, “Rains Over Babel”, de Gala del Sol; e o Chile colocou na disputa “El Deshielo”, de Manuela Martelli. Outros pesos pesados do continente ainda definirão seus representantes.

A Academia vai reduzir esse plânifério a 15 semifinalistas em 15 de dezembro. Os cinco indicados ao Oscar de Melhor Filme Internacional serão conhecidos em 21 de janeiro de 2027, e a estatueta será entregue em Los Angeles em 14 de março.

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Pelas listas do momento, arrisca-se dizer que “A Odisseia” (“The Odyssey”), de Christopher Nolan, é (incontestavelmente) o melhor espetáculo cinematográfico de 2026... além de ser um dos mais rentáveis da História, com uma arrecadação estimada e US\$ 1,6 bilhão. Há quem diga que esse posto, já, já, vá para “Digger”, de Alejandro González Iñárritu, com Tom Cruise, que vai estreiar em outubro. Fala-se ainda de “Woman Unknown”, que deu o Leão de Ouro para May el-Toukhy no último sábado.

No entanto, no Festival de San Sebastián nº 74, que abre suas telas nesta sexta-feira (18), o posto de “O” Filme do Ano cabe a uma sessão de 2025, que se arrastou sob holofotes janeiro e fevereiro adentro: o thriller “Uma Batalha Após A Outra” (“One Battle After Another”). Hoje na HBO Max, o longa-metragem que deu o Oscar a Paul Thomas Anderson (e papou mais cinco estatuetas da Academia de Hollywood, entre elas a de Melhor Longa) vai ganhar um novo pico neste fim de semana, na Espanha, ao receber o Grand Prix Fipresci.

É a quarta vez que o cineasta americano conquista a láurea concedida pela Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica (Fipresci), numa votação que mobilizou 591 jornalistas e críticos de 69 países. A produção estrelada por Leonardo DiCaprio, Sean Penn, Benicio del Toro, Regina Hall e Teyana Taylor foi escolhida entre todos os longas lançados desde 1º de julho de 2025. Ano passado, o ganhador foi “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles. Fundada em 1925 e recém-chegada ao seu centenário, a Fipresci é a mais antiga associação internacional de profissionais da crítica e do jornalismo cinematográfico. Desde a criação de seu Grand Prix, em 1999, sua lista de laureados reuniu realizadores como Jean-Luc Godard, Pedro Almodóvar, Michael Haneke, Terrence Malick, Aki Kaurismäki, Alfonso Cuarón, Chloé Zhao, Ryûsuke Hamaguchi e Cristian Mungiu. Paul Thomas Anderson já havia vencido com “Magnólia” (1999), “Sangue Negro” (“There Will Be Blood”, 2007) e “Trama Fantasma” (“Phantom Thread”, 2018). A consagração de “Sangue Negro”, aliás, levou o realizador ao palco do Teatro Kursaal, o centro nervoso de San Sebastián, em 2008.

Com orçamento estimado em cerca de US\$ 170 milhões, “Uma Batalha Após A Outra” tem sido “O” ganhador de todas as competições por onde passa por ser, entre muitas coisas, um tratado antitrustista, uma reação do cinema dos EUA a um líder que opera na

O filme do ano...



Divulgação

Teyana Taylor recebeu o Globo de Ouro por sua atuação como Perfidia Beverly Hills no longa que deu o Oscar a PT Anderson

é de 2025

Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica elege ‘Uma Batalha Após A Outra’, o maior vencedor do último Oscar, para receber seu Grand Prix em San Sebastián nesta sexta

chave do ódio e fomenta conflitos a fim de alimentar a necessidade de “pão e circo” de um povo (mal) educado pelos Bush e por Reagan. A percepção de que sua dramaturgia se move a partir da rebeldia de uma mulher preta, Perfidia Beverly Hills (Teyana Taylor), que trata homens com a mesma voracidade e o mesmo desdém com que as forças femininas foram tratadas ao longo da História, dá ao longa de PTA uma carga politicamente poética. Há, ainda, uma reflexão frontal sobre o racismo, encarnada no núcleo em torno do Coronel Steven J. Lockjaw, o ferrabrás vivido por Sean Penn. Sua bilheteria foi de US\$ 213 milhões.

Livemente inspirado na prosa de “Vineland” (1990), de Thomas

Pynchon, o filme acompanha Bob (DiCaprio), um ex-revolucionário que vive afastado da militância, entre a paranoia e as drogas, ao lado da filha, Willa (Chase Infiniti). Dezesesseis anos depois dos acontecimentos que marcaram sua juventude radical, o reaparecimento de um antigo inimigo, Lockjaw (Penn), e o desaparecimento da garota obrigam Bob a regressar à ação. Anderson transforma essa busca numa espécie de colisão entre ideais revolucionários de outrora e a América contemporânea, atravessada por racismo, autoritarismo e violência militar.

“Paul é leal à sua equipe e tem a habilidade de extrair o melhor de cada um pois luta por aquilo em que acredita, a começar por

seus atores”, disse DiCaprio ao Correio da Manhã, numa entrevista via Zoom, ao lado de Benicio Del Toro, organizada pela Golden Globe Foundation. “É a partir de um revolucionário numa espiral de sacrifício, vivido por mim, que ele discute sua ideia de lealdade. Fizemos algo que lembra clássicos do cinema político como ‘The Parallax View’ (no Brasil, ‘A trama’, de Alan J. Pakula). Temos dramas políticos tratados com humor”.

A vitória na votação da Fipresci amplia uma temporada de consagração internacional para “Uma Batalha Após A Outra”, que saiu da última edição do Oscar com troféus em categorias como Melhor Filme, Direção, Produção De

Elenco (Casting), Ator Coadjuvante (Penn), Roteiro Adaptado e Montagem. Na eleição da crítica mundial, o longa de Anderson superou quatro finalistas de peso: “A Amiga Silenciosa”, de Ildikó Enyedi; “A Voz de Hind Rajab”, de Kaouther Ben Hania; “Hamnet”, de Chloé Zhao; e “Fjord”, de Cristian Mungiu.

A entrega do Grand Prêmio Fipresci será realizada em meio à gala de abertura de San Sebastián, onde será exibido o longa “Ghost Song” (“Geister”), do diretor teuto-turco Fatih Akin. Seu novo filme concorre à Concha de Ouro de 2026, que tem entre seus competidores a produção mineira “Vicentina Pede Desculpas”, de Gabriel Martins.

ENTREVISTA | SANDRA GÓMEZ VELÁSQUEZ

DIRETORA DE MARKETING DA MUBI PARA A AMÉRICA LATINA

‘Há cineastas que constroem suas carreiras a partir dos festivais’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Tem pérolas das mais preciosas com DNA MUBI, o ecossistema digital de distribuição pautado por curadoria humanizada (ou seja, mais interesse no risco autoral, do que no lucro capitalista clássico), na programação do 74º Festival de San Sebastián, em fricção nas telas da Espanha a partir desta sexta-feira. A grife espalha sua presença por diferentes secções de Donostia (nome da cidade Basca no dialeto local), confirmando o avanço da plataforma no território da distribuição de cinema de autor.

Entre as suas maiores apostas está “Hope”, explosiva ficção científica de CEP sul-coreano de Na Hong-jin que passou pela competição de Cannes e integra agora a prestigiada Perlak. A mesma seção acolhe ainda dois títulos associados à MUBI: “Coward”, novo filme do belga Lukas Dhont. Já a irreverência de “Acampamento Miasma” (“Teenage Sex and Death at Camp Miasma”), de Jane Schoenbrun, dos EUA, ganha espaço na mais experimental Zabaltegi-Tabakalera. Há ainda “Moscas”, do mexicano Fernando Eimbcke.

O conjunto dá à empresa uma espécie de festival dentro do festival e reforça a transformação da MUBI: de plataforma dedicada à cinefilia, tornou-se uma distribuidora capaz de acompanhar os filmes desde os grandes certames internacionais até às salas e ao streaming. Às vésperas da abertura do festival espanhol, Sandra Gómez Velásquez, diretora de marketing da MUBI em nuestro continente, conversou com o Correio sobre o lugar dos festivais na circulação do cinema de autor, a importância do mercado brasileiro e a tentativa que a MUBI faz para ultrapassar os limites do streaming e estabelecer uma relação presencial, corpo a corpo, com sua comunidade.

Qual é o papel estratégico dos festivais internacionais, sobretudo San Sebastián, para a circulação dos filmes da MUBI e para a própria consolidação da plataforma como uma marca ligada à curadoria?

Sandra Gómez Velásquez - Os festivais são importantíssimos. São centrais na estratégia de qualquer filme que tenha um criador ou uma criadora por trás e, para a MUBI, são espaços fundamentais. Há muito a fazer e muito a ver neles. Contribuem em termos de curadoria e também de negócio, para descobrirmos filmes que eventualmente podemos adquirir, além das relações e do networking. Há cineastas que constroem suas carreiras a partir dos festivais. São espaços que dão prestígio e ajudam a posicionar uma carreira e uma cinematografia.

O Brasil é um país territorialmente enorme e existe aqui uma relação particular da cinefilia com a MUBI, inclusive no meio acadêmico. Qual é a importância estratégica do país para a plataforma?

O Brasil é central dentro da nossa estratégia. É um mercado e um território que nos importam muitíssimo. É um público profundamente curioso e interessado em cinema e

cultura. Para a MUBI, isso é ideal: podemos apresentar nossos filmes e as pessoas os recebem com muita curiosidade e interesse. Queremos estar cada vez mais presentes localmente, sendo percebidos como participantes da própria oferta cultural brasileira.

O MUBI Fest tornou-se uma ferramenta importante para apresentar filmes que depois terão uma vida nas salas e no streaming. Como o festival funciona dentro desse ecossistema?

Existe um diálogo entre o MUBI Fest e tudo o que fazemos. Para nós, ele é um espelho da curadoria da plataforma, mas tem uma característica fundamental: tira-nos do streaming e leva-nos de volta à tela grande. Queremos encontrar o público dentro da sala de projeção, estar com as pessoas e encontrar presencialmente essa comunidade que construímos e que normalmente está diante da tela do telefone ou em casa. O streaming oferece essa possibilidade democrática de assistir a um filme em qualquer lugar, mas o encontro na sala de cinema é muito importante para nós.

O MUBI Fest brasileiro parece ter sofisticado sua curadoria, misturando lançamentos, clássicos restau-



Divulgação

“A MUBI é um ecossistema que procura prolongar a vida dos filmes dentro e fora da tela”

rados e cinema nacional. Como foi desenhada a edição de 2026?

É um equilíbrio entre várias possibilidades. Em primeiro lugar, o cinema local nos importa muitíssimo. O cinema brasileiro é central na curadoria da MUBI. Neste ano, temos cinema brasileiro e também cinema brasileiro restaurado. Teremos “Xica da Silva”, além de um programa dedicado a Eunice Gutman, uma cineasta pioneira e feminista. Ela estará presente e teremos uma conversa com ela e com a curadora de sua sessão, a pesquisadora Susana Fuentes. É uma oportunidade muito rara de escutar diretamente uma das vozes fundadoras do cinema feminista brasileiro e conhecer sua história. Também temos cinema restaurado internacional, como “Model”, do lendário Frederick Wiseman, e uma versão restaurada de “Videodrome”, de David Cronenberg, cineasta com quem mantemos uma relação de longa data. Depois vêm as estreias nacio-

nais e o cinema contemporâneo do mundo. O fio condutor é sempre a presença de um criador, de uma visão autoral por trás de cada filme.

Se tivesse que definir a MUBI hoje, para além da ideia de uma plataforma de streaming, como a definiria?

A MUBI é um ecossistema em torno do cinema. É um ecossistema que procura prolongar a vida dos filmes dentro e fora da tela. Temos uma revista, um podcast, o streaming, distribuímos filmes nos cinemas e fazemos eventos como o MUBI Fest, que leva uma vez por ano o melhor da nossa curadoria aos territórios onde estamos presentes.

E qual é, especificamente, a importância de San Sebastián dentro desse circuito internacional da MUBI, dada a quantidade de títulos da MUBI por lá?

San Sebastián é um dos festivais que acompanhamos em função dos filmes que integram a nossa programação. É um dos grandes espaços do circuito de festivais em que temos presença e por onde passam nossos filmes.

Você destacou a recuperação de “Xica da Silva” e a homenagem a Eunice Gutman. Para além do MUBI Fest, qual é a importância do cinema brasileiro para a MUBI e como imagina o futuro dessa relação?

O cinema brasileiro é importante e central na estratégia da MUBI. É um cinema que queremos continuar apoiando e redescobrimo, inclusive através de seus clássicos. E queremos permanecer próximos dos cineastas que estão trabalhando agora, apresentando seus filmes nos grandes festivais do mundo, e com os quais podemos estabelecer relações e acompanhar suas carreiras.



História de Berta Loran, que sobreviveu ao nazismo com humor, tem sua trajetória contada no palco CCJF

Memória, humor e exílio olhar de Berta

Espectáculo com direção de Ary Coslov celebra o centenário de Berta Loran, atriz referência de nossa comédia e que nos deixou em 2025

O teatro que Berta Loran escolheu como ofício e lugar de alegria recebe sua história em forma de espetáculo. “Berta – Minha vida por um palco” está em cartaz no Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), quando se aproxima o centenário de nascimento da atriz, nascida em 1926 e morta no ano passado, aos 99 anos.

A montagem, escrita por Miriam Halfim e Marcelo Aquino e

dirigida por Ary Coslov, acompanha uma trajetória que começa numa infância marcada pela perseguição aos judeus na Europa e se transforma numa das carreiras mais memoráveis da comédia brasileira.

Andrea Dantas, Alexandre Regis, Junior Vieira e Patrícia Pinho formam o elenco. Andrea e Patrícia se alternam no papel de Berta em diferentes momentos da vida, abrindo espaço em cena para saltos temporais e mudanças de linguagem e experiência da personagem.

Além da homenagem em si, o espetáculo nos leva a refletir sobre a fragilidade da memória artística no país, tema que os autores colocam no centro da dramaturgia.

Berta Loran nasceu em Varsóvia, na Polônia, e chegou ao Rio aos nove anos com os pais e cinco irmãos. A família deixava uma Europa em que a perseguição nazista ganhava força e se instalou num sobrado da Praça Tiradentes, epicentro do teatro de revista carioca. O pai, alfaiate

“Apesar de uma infância muito difícil, miserável, em Varsóvia, Berta escolheu viver com alegria. Ela dizia que felicidade é uma escolha”

MIRIAM HALFIM

Berta, escreve a partir de uma proximidade familiar que não substitui a pesquisa, mas dá à peça um ponto de escuta particular. “O palco deu a ela tudo o que ela quis. Apesar de uma infância muito difícil, miserável, em Varsóvia, Berta escolheu viver com alegria. Ela dizia que felicidade é uma escolha”, afirma a autora.

Para Ary Coslov, a montagem também é uma convocação à lembrança. “É muito importante que as pessoas conheçam a história da vida dela e se lembrem de Berta Loran. Ela era extremamente talentosa”, destaca o encenador. A figura de Berta permite discutir quem continua presente nos arquivos, nas instituições e nos palcos depois que a televisão deixa de reprisar certos programas e as gerações se renovam.

“Nós somos um país com um problema sério de preservação da memória. Tem uma questão cultural com a memória, a gente apaga com muita rapidez muitos artistas”, afirma o co-autor Marcelo Aquino. Para ele, a peça presta um serviço à arte e à memória e reconhece uma atriz que abriu caminho para humoristas, especialmente mulheres.

SERVIÇO

BERTA - MINHA VIDA POR UM PALCO

Centro Cultural Justiça Federal (Avenida Rio Branco, 241, Centro)
Até 27/9, sextas (19h), sábados e domingos (16h30 e 19h)
Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

e ator, incentivou a filha a entrar em cena ainda adolescente.

A atriz construiu quase oito décadas de carreira e interpretou mais de dois mil personagens. Passou pelo teatro de revista, por dezenas de montagens e pela televisão, meio que tornou seu rosto conhecido em escala nacional. Uma temporada em Portugal, onde viveu por seis anos entre o fim dos anos 1950 e o início dos 1960, está entre os episódios revisitados. A experiência com “Fogo no Pandeiro” deixou marcas que reapareceriam mais tarde na personagem Manuela D’Além Mar, da “Escolinha do Professor Raimundo”, com seu sotaque português e o bordão que entrou no repertório popular.

Miriam Halfim, sobrinha de



Reprodução

O maestro que fez a banda dos bombeiros tocar choro

Anacleto de Medeiros (em destaque) foi um dos músicos mais inventivos de seu tempo e ocupa lugar de destaque na história do choro

Aula-show celebra os 160 anos do lendário Anacleto de Medeiros nesta quinta, com Pedro Paulo Malta e quinteto de peso no palco da Casa do Choro

AFFONSO NUNES

A Casa do Choro recebe nesta quinta-feira (17), às 19h, uma aula-show dedicada aos 160 anos de nascimento do compositor Anacleto de Medeiros. No palco, Pedro Paulo Malta

conduz a narração entre as músicas, tendo o auxílio luxuoso de quinteto formado por Paulo Aragão (violão), Marcílio Lopes (bandolim), Tom Retz (flauta), Jayme Vignoli (cavaquinho) e Edgar Araújo (percussão). A proposta é menos concerto, mais aula viva — explicações, histórias e interpretações ao vivo costuradas para mostrar por que Anacleto

segue atual mais de um século depois da morte.

Nascido na Ilha de Paquetá em 1866, filho de uma escrava liberta, Anacleto começou cedo: entrou aos nove anos para a Banda do Arsenal de Guerra, trabalhou como tipógrafo para se sustentar e estudou no Conservatório ao lado de Francisco Braga. Multinstrumentista — flauta, clarinete, sax, contrabaixo —, trilhou o caminho das bandas. Fundou em 1896 a Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, que regeria por décadas, tornando-se o primeiro maestro negro a dirigir uma banda militar no país.

Foi à frente dela que ele mudou a música brasileira. No alvorecer da indústria fonográfica, a banda dos bombeiros gravou mais de cem fonogramas, espalhando polcas, valsas e choros pela cidade antes mesmo de o rádio existir. Obras como “Guará” e “Ismael” saíram dessas matrizes para o repertório eterno do gênero — e Catulo da Paixão Cearense, seu contemporâneo de serenatas, pôs letra em algumas de suas melodias. Anacleto morreu em 1920 sem ver a obra ocupar lugar de honra nos acervos do choro, incluindo o da própria Casa do Choro.

SERVIÇO
AULA-SHOW ANACLETO DE MEDEIROS - 160 ANOS
Casa do Choro (Rua da Carioca, 38, Centro) | 17/9, às 19h
Ingressos: R\$ 80, R\$ 40 (meia) e R\$ 20 (alunos da Escola de Música Portátil)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Juliane Gamboa mostra canções do próximo disco

A cantora Juliane Gamboa apresenta nesta quinta (17), às 21h, no Manouche, show que marca o lançamento do single “Coragem Mulher”, canção de Ivan Lins que regravou com o autor. Indicada a revelação do Grammy Latino 2025, a artista apresenta músicas do álbum “Jazzwoman” (2025) e interpretações jazzísticas, como “Butterfly” (Herbie Hancock), além de prévias do próximo álbum. R\$ 140 e R\$ 70 (meia).



Divulgação

Marcelo Caldi comanda festa de forró no Rival

Virtuose da sanfona, Marcelo Caldi apresenta o espetáculo “Forró e Festa” no Teatro Rival Petrobras, nesta quinta (17), às 19h30. No palco, o Marcelo Caldi Trio recebe a cantora e sanfoneira Ceíça Moreno. O repertório reúne clássicos do gênero, como “Qui nem jiló” e “Sabá”, de Luiz Gonzaga, “Sanfona sentida”, de Dominginhos, e “Feira de Mangaio”, de Sivuca, além de composições do artista. A partir de R\$ 50.



Divulgação

Gabi da Pele Preta de graça no BNDES

A cantora e compositora Gabi da Pele Preta se apresenta nesta quinta (17), às 19h, no Espaço BNDES, com entrada gratuita. No repertório, canções autorais e releituras de nomes da música brasileira. Sua sonoridade abraça a MPB, o rock e ritmos latinos e populares. Em suas composições, a artista aborda temas como identidade negra e vivências femininas.



Ayana Melo/Divulgação

Hover e Atalho: dois shows na Audio Rebel

A Audio Rebel recebe nesta quinta (17), às 20h, as bandas Atalhos e Hover. De São Paulo, a Atalhos apresenta o repertório do álbum “A Força das Coisas”, lançado em 2025, com sonoridade que mistura indie rock, dream pop e psicodelia. De Petrópolis, a Hover (foto) celebra o retorno à cena após hiato iniciado em 2018, com o novo álbum “Desentristecer”, acompanhado de um filme-sessão ao vivo. R\$ 25.



Renan Piva/Divulgação

SÓ CARIOQUICES

por
FRED SOARES
@FREDAOSOARES*Ah, se não fosse o Bezerra...*

Reprodução

Toda Quarta-Feira de Cinzas tem seu ritual. Os garis ainda estão varrendo a Sapucaí e, nas quadras, já começa a conversa sobre o carnaval seguinte. Qual vai ser o enredo? Que história aguenta um ano inteiro de barracão? Foi numa dessas prosas, pouco depois do último desfile, que este colunista que aqui vos escreve resolveu dar um palpite.

Conversava com Dudu Freitas, presidente da União do Parque Acari, um guerreiro que toca a escola com a teimosia de quem sabe que nada chega de graça na Série Ouro. E soltei o nome: Bezerra da Silva. Em 2027, ele faria cem anos. Que escola teria mais legitimidade para cantá-lo do que uma agremiação nascida e criada na favela? A União tem a cara do Complexo de Acari: gente que acorda antes do sol, que pega trem lotado, que conhece de perto cada personagem que Bezerra botou no disco.

Dudu comprou a ideia. No começo de julho, a escola apresentou o enredo “Se não fosse o samba, o que seria da favela?”, desenvolvido pelos carnavalescos Guilherme Diniz e Rodrigo Marques. Bateu um orgulho besta, confesso. Daqueles que a gente só divide com o leitor. Não reivindico patente, que samba não tem dono. Enredo bom é o que a escola abraça, e esse a União abraçou.

Agora chegou a vez do samba. Na parceria, dois bambas de respeito: Moacyr Luz e Fred Camacho. Moacyr, o homem do Samba do Trabalhador, que assina os sambas do Acari desde a chegada da escola à Série Ouro, em 2024, ganhou de quebra um mimo. Passou a ser o presidente da ala de compositores. Neste domingo (20), na quadra da Rua Piracambu, o samba será lançado e o mestre, homenageado. Festa com endereço certo.

Mas vamos ao dono da festa. José Bezerra da Silva nasceu no Recife, em fevereiro de 1927. Aos nove, já tocava zabumba e cantava coco. Aos 15, embarcou clandestino num navio rumo ao Rio. Foi parar no Morro do Cantagalo, trabalhou de ajudante de obra e pintor de parede, conheceu a rua e a fome antes de a música pagar as contas. Pernambucano de cer-



O que ele fez
depois ainda não
recebeu o crédito
que merece.
Durante décadas,
o compositor do
morro não tinha
vez na gravadora
nem na rádio.
Bezerra abriu a
porta

tidão, carioca até o último fio de cabelo.

O que ele fez depois ainda não recebeu o crédito que merece.

Durante décadas, o compositor do morro não tinha vez na gravadora nem na rádio. Bezerra abriu a porta.

Gravou Adelzonilton, Criolo Doido e uma legião de autores que faziam samba no botequim, no ponto de ônibus, na laje, e que jamais viam o próprio nome num disco. Ele era a voz. A caneta era da comunidade, e Bezerra fazia questão de dizer isso em cada entrevista.

O documentário “Onde a Coruja Dorme” foi atrás desses autores e encontrou gente simples do subúrbio e das favelas, que nunca tinha pisado num estúdio mas trazia samba guardado no bolso. Sem Bezerra, boa parte dessa obra teria morrido na mesa do bar.

E a voz vendeu. Foram onze discos de ouro e alguns de platina ao longo da carreira, coisa rara para quem cantava partido-alto

com sotaque malandreado. Chamaram-no de cantor de bandido. Ele rebatia que só cantava a realidade. E cantava mesmo: o malandro e o mané, o dedo-duro, a polícia subindo o morro, o candidato que só aparece em ano de eleição. Tudo com humor, duplo sentido e uma precisão que muito sociólogo de gabinete nunca alcançou. Bezerra foi o cronista de um Rio que o asfalto preferia não ver. Por causa dele, o asfalto teve que ouvir.

Bezerra morreu em janeiro de 2005. Em 2027, a União do Parque Acari encerra os desfiles da Série Ouro levando o centenário dele para a Avenida. A pergunta do enredo tem resposta fácil para quem conhece Acari: sem o samba, a favela seria só aquilo que o noticiário mostra. Com Bezerra, virou crônica. A real face de uma cidade da beleza, mas também do caos.